

OS TERMOS DE PARENTESCO NO DICIONÁRIO BILÍNGUE GUARANI-MBYÁ/PORTUGUÊS – PORTUGUÊS/GUARANI-MBYÁ

Ivana Pereira Ivo*
Jonedson Costa Rios**

- **RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de elaboração das entradas dos termos de parentesco no Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português/Guarani-Mbyá, considerando-se as especificidades da língua e da cultura indígena e possíveis contribuições do projeto. O parentesco Guarani é pensado a partir de Schaden (1974), Litaiff (1996) e Pissolato (2007). A organização do Dicionário inspira-se nas propostas de Welker (2004) e nos pressupostos teóricos relacionados à elaboração de dicionários bilíngues, considerando-se as possibilidades para a apresentação dos sentidos (Adamka-Salaciak, 2016) e a relação entre a Lexicografia e as teorias da Semântica Lexical (Geeraerts, 2016). A análise dos dados linguísticos trouxe à tona a necessidade de um tratamento específico aos casos de polissemia nos termos de parentesco, bem como a organização das informações culturais necessárias à apresentação dos sentidos lexicais, considerando-se as condições da língua em uso e contextos de interação. Como resultado, este artigo ressalta o caráter sociopolítico de trabalhos lexicográficos comprometidos com projetos de revitalização e retomada de línguas indígenas no Brasil, além das pretendidas contribuições aos estudos linguísticos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Dicionários bilíngues; Guarani-Mbyá; Parentesco; Lexicografia.

Introdução

Houve, no que hoje é o território brasileiro, uma significativa perda de línguas indígenas, pela extinção de nações inteiras no período colonial e, gradativamente, por meio de um intenso processo de substituição linguística resultante do contato. A língua Guarani, dentre outras línguas que sobreviveram, continuou a ser falada, não apenas no Brasil, mas em outros países da América Latina, como Paraguai, Argentina e Bolívia,

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Brasil. Professora do Departamento de Linguística/Línguas Indígenas. ivanaivo@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5180-7483>.

** Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras, Salvador, BA, Brasil. Pós-Graduando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. jonedson.rios7@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6302-9554>

com distintos graus de vitalidade linguística. No Paraguai, como resultado de um longo processo de contato linguístico, social e cultural no período colonial, desenvolveu-se uma língua mista, o *Jopará*, que mescla dados linguísticos do Guarani e do espanhol.

Embora exista um espanhol paraguaio e um guarani paraguaio, que para a consciência de muitos falantes são sistemas distintos, a análise linguística de fatos reais revela que se estabeleceu um novo sistema no qual há fusão gramatical e uma nova estruturação de repertórios linguísticos, com aportes procedentes tanto de uma língua como de outra [...]. O jopará é o guarani historicamente hispanizado, mas não de maneira uniforme, e sim desenvolvido gradual e setorialmente, até constituir um *continuum* bastante heterogêneo conforme a heterogeneidade dos repertórios linguísticos exigidos pelo ato de falar isto ou aquilo, o que acarreta realizações morfossintáticas também mistas¹ (Melià, 2013, p. 81-83).

Na Argentina, o chamado Guarani Correntino é, segundo Cerno (2013, p. 19 e 35), desdobramento de uma das variedades do Guarani Crioulo, que nasceu da mestiçagem envolvendo o povo Guarani e os espanhóis no período da colonização, nas antigas províncias do Paraguai e Corrientes, do século XVI ao XVIII. Atualmente, segundo o autor, na Argentina, a língua é falada no campo, quase exclusivamente por falantes bilíngües do Guarani e do espanhol. Quanto à Bolívia, a literatura registra que, ainda antes do século XVI, um grupo Guarani teria migrado para as serras bolivianas (Cerno, 2013, p. 19-20). Conforme explica Dietrich (2021, p. 261), a língua Guarani é falada por “dois grandes grupos dialetais, o *Ava*, com os subdialetos *Ava*, *Simba* e *Chané*, e o *Isocenho*”. Ainda segundo o autor, falantes *Ava*, *Chané* e *Isocenho* são encontrados, também, na Argentina.

No Brasil, há quatro grupos, *Mbyá*, *Kaiowá* (*Kaiwá* ou *Pañ Tavyterã*), *Nhandeva* e *Nhandewa*², descendentes dos chamados *Kaingua*³ (*ka'a* ‘mata’ + *ygua* ‘gentílico’), dos quais descendem, também, os chamados Chiripá, localizados em diferentes estados brasileiros. Essas classificações, naturalmente, “[...] não refletem as formas próprias

¹ No original: “Si bien hay un español paraguayo y un guaraní paraguayo, que para la conciencia muchos hablantes son sistemas diferenciados, el análisis lingüístico de hechos reales descubre una zona en la cual se constituyó un nuevo sistema en el que hay fusión gramatical y estructuración nueva de los repertorios lingüísticos con aportes procedentes tanto de una lengua como de otra. [...]. el jopará es el guaraní históricamente hispanizado, pero no de una manera uniforme, sino gradual y sectorialmente desarrollado hasta constituir un continuum bastante heterogéneo conforme a la heterogeneidad de los repertorios lingüísticos exigidos por el acto de hablar de esto o de aquello, lo que lleva realizaciones morfo-sintácticas también mixtas”.

² Costa (2010), ao analisar as migrações registradas em Nimuendajú (1987), propôs distinguir o grupo *Nhandeva*, do Mato Grosso do Sul, dos *Nhandewa* de São Paulo e do Norte do Paraná. Ivo (2018), ao desenvolver um estudo fonético-fonológico comparativo entre os quatro grupos Guarani, confirmou especificidades linguísticas que distinguem, de fato, os grupos *Nhandeva* dos *Nhandewa*, mostrando ser este último mais próximo linguisticamente dos *Mbyá*.

³ Nesse trabalho, são adotadas as normas da Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1957), que dispensam a flexão de gênero e número nos etnônimos. Além disso, os nomes das etnias são grafados com a inicial maiúscula.

de autoidentificação empregadas pelos grupos locais que formam vasto contingente populacional, e que são relacionais e fluidas” (Pierry, 2018, p. 30).

Os Guarani-Mbyá são localizados nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além disso, são encontradas famílias Mbyá no estado do Pará (terra indígena Nova Jacundá, no município Rondon do Pará) e em Tocantins (terra indígena Xambioá, no município Santa Fé do Araguaia) (Ricardo; Ricardo, 2017, p. 464 e 665), grupo para o qual está sendo elaborado o Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português/Guarani-Mbyá⁴ (doravante apenas Dicionário), embora, quando possível, sejam apresentados dados lexicais dos demais grupos, apresentados pelos professores Guarani, e a partir de fontes dicionarísticas.

Os dicionários como ação sociopolítica em projetos de revitalização linguística

Há, entre o povo Guarani-Mbyá, um acentuado número de falantes bilíngues Guarani/Português. No entanto, como é a realidade de muitas sociedades indígenas no Brasil, com o avanço e o predomínio da língua portuguesa em diferentes espaços, crianças e adolescentes começam, muitas vezes, com um processo de diminuição no uso das suas línguas, o que se dá por diferentes razões, seja pelo uso intenso da língua portuguesa nas redes sociais ou pelo predomínio da língua portuguesa nas escolas indígenas instauradas nas aldeias, com a utilização prevalente de materiais didáticos escritos em português.

Uma língua começa a desaparecer quando se iniciam processos de interrupção da transmissão linguística entre as gerações, o que passa a ser um dos fatores decisivos no processo de substituição e perda linguística (Cf. Ivo, 2019).

Dante desse quadro, inserida em projetos de revitalização e/ou de retomada linguística, a documentação linguística tem sido uma proposta bastante válida. A documentação das línguas indígenas mostra-se muito efetiva por fornecer meios para a recuperação da informação linguística e por proporcionar caminhos para a atualização e a criação de novas categorias semânticas pelos falantes, o que pode servir às sociedades indígenas como subsídio para a elaboração de matérias didáticos, considerando-se a educação escolar indígena como meio para a valorização e o fortalecimento das línguas nativas. Nesse sentido, os dicionários podem integrar projetos de revitalização e retomada de línguas indígenas como material de consulta e de apoio didático.

Ao longo da história dos estudos linguísticos, a relação língua e identidade foi observada em diferentes perspectivas. Embora a tradição estruturalista tenha priorizado e se voltado à análise da forma linguística, outras abordagens voltaram-se aos aspectos sociolinguísticos, históricos e culturais dos falantes, compreendendo a indissociabilidade

⁴ O projeto do Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português/Guarani-Mbyá nasce a partir do pedido de professores Guarani-Mbyá, os quais atuam no projeto como consultores.

desses fatores. Nesse sentido, descrever uma língua é registrar a história de um povo e o seu modo de interpretar o mundo, o que é extremamente desafiador e complexo.

Segundo Ivo (2018), a sociedade Guarani estrutura-se a partir do chamado *Tekó* – o conjunto de aspectos culturais que coordenam as relações, as crenças, o modo de ser, viver e agir no mundo. Geralmente traduzido como ‘cultura’, ou simplesmente como ‘costumes’, pelos próprios Guarani, o *Tekó* requer articulações linguísticas próprias. O *Tekó* é ensinado por meio de discursos, com refinada oratória, pelos anciãos (*-amõi*), termo cujo sentido é polissêmico, veiculando o sentido de líder espiritual, além de nomear as gerações ascendentes de egos femininos e masculinos, como demonstraremos adiante.

As línguas naturais têm sido compreendidas como “lugar de interação, como dimensão através da qual os indivíduos atuam no mundo e se constituem como sujeitos – a língua é, mais do que tudo, ação entre sujeitos situados social, histórica e culturalmente” (Mendes, 2012, p. 671). Nesse sentido, pode-se pensar não apenas na língua em si, mas também nos produtos que a partir dela surgem, como inseparáveis de um contexto sociopolítico de ação. Assim, a produção de dicionários comprometidos em trabalhar aspectos mais amplos, somando-se àqueles relacionados à semântica, morfossintaxe, fonologia e a questões da cosmovisão e episteme indígenas, pode se constituir como significativo contributo às comunidades indígenas.

O Brasil é um país multilíngue, embora seja compreendido, por boa parte da sua população, como um país monolíngue. Segundo Krieger (2020), foram as mudanças nas fronteiras geográficas ocorridas durante o Renascimento que acabaram por estabelecer novos espaços sociogeograficamente constituídos, engendrando-se uma busca pelas identidades nacionais nos espaços estabelecidos, com a proposta da ideia de línguas comuns a todo um território como fator identitário, apagando-se, assim, as variedades linguísticas. Nesse contexto, tornou-se tradicional o papel dos dicionários linguísticos na legitimação do chamado léxico nacional. Com o decorrer da história e das mudanças socioculturais estabelecidas no Brasil, o século XIX delimitou um interesse voltado aos estudos lexicográficos com enfoque na norma brasileira:

[...] motivadas por um espírito nacionalista [...], surgem produções lexicográficas sobre brasileirismos que tinham a pretensão de registrar e fixar a norma brasileira, obras que ora tinham como propósito descrever a norma nacional (braveirismos) em oposição à europeia, ora buscavam registrar vocabulários regionais (Isquierdo, 2011 *apud* Costa, 2020, p. 59).

Segundo Krieger (2020, p. 15), fica evidente que “contextos sociais e culturais estão implicados nos inúmeros papéis pragmáticos que os dicionários desempenham nas sociedades”, uma vez que, ao longo da configuração da área da Lexicografia, as noções identitárias de língua se fizeram importantes. Em se tratando de línguas indígenas, a relação entre língua, dicionário e identidade é atravessada, ainda, por outras questões, visto que, no Brasil, o processo de colonização perseguiu, desumanizou e configurou

um genocídio não apenas dos povos, mas, também, de suas línguas – inclusive, de forma institucionalizada, conforme se verifica no Diretório de Pombal⁵:

[...] será um dos principais cuidados dos diretores estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum que os meninos, e meninas, que pertencem às escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas nações, ou da chamada geral; mas unicamente da portuguesa (Diretório, 1755 *apud* Almeida, 1997, p. 2).

Considerando-se que, no decorrer desse processo, diversas línguas indígenas foram extintas e que, atualmente, há um número considerável de línguas com *status* de ameaçadas de extinção, a abordagem lexicográfica de línguas indígenas lida com a necessidade de ir de encontro aos sintomas persistentes da colonização, colocando como prioridades, dentro da lista de seus objetivos, a valorização, a manutenção e o fortalecimento delas. Os dicionários podem, como instrumentos pedagógicos, comportar uma dimensão educacional relevante para a valorização das línguas indígenas.

Há, algumas vezes, questionamentos sobre a inserção da escrita em sociedades de tradição oral, sobretudo quando se concebe a escrita apenas como mecanismo regulador ou normatizador, distanciando-se dos usos práticos que os produtos escritos podem oferecer, principalmente para as línguas minoritárias. D'Angelis (2007, p. 2) discute sobre duas visões relacionadas às línguas e culturas indígenas – uma visão por ele denominada *in vitro* (ou museológica) e outra, atrelada à ideia de preservação *in locu*. Sobre a conservação *in vitro*, diz:

Tratando de culturas e línguas, a primeira visão, da conservação *in vitro* ou museológica, busca recolher e congelar o máximo das manifestações da cultura ou língua da sociedade em questão na esperança de “conservá-la” *in vitro*. A perspectiva museológica costuma ver, por isso, a introdução da escrita como uma influência indevida, capaz de contaminar o material a ser conservado. Para essa visão, por exemplo, empréstimo linguístico é sempre indesejável e intolerável; um sinal de fraqueza dos falantes da língua indígena (D'Angelis, 2007, p. 2).

Na perspectiva da preservação *in locu*, para ele, importa a continuação da vida, considerando-se suas inerentes transformações:

[...] os valores importantes são a continuação da vida (vida das pessoas, vida da cultura, vida da língua), ainda que transformada. Nessa

⁵ Os trechos do diretório citados neste trabalho foram retirados de um texto digitado a partir das cópias dos originais, publicado no livro *O diretório dos índios: um projeto de “civilização” no Brasil do século XVIII*, de Rita Heloisa de Almeida, Ed. UnB, 1997.

perspectiva, é legítimo lançar mão de novos recursos (o ensino escolar, por exemplo, mas também os empréstimos linguísticos, a escrita, etc.) e todo purismo é colocado em segundo plano. Dessa perspectiva, vale mais o risco de aplicar recursos no fortalecimento de uma língua ameaçada do que na produção do seu registro para quando ela estiver morta. Nessa perspectiva, a escrita não é mais que um dos materiais ou tecnologias aproveitáveis para o bem da vida, entre tantos outros materiais, prestáveis e imprestáveis, que os brancos levam para a aldeia, ou que lá aparecem, boiando no rio (D'Angelis, 2007, p. 2-3).

Compreendemos que os dicionários podem ser admitidos como materiais de apoio pedagógico, assumindo um papel sociopolítico de combate ao desaparecimento de línguas, por meio da documentação escrita, revelando-se, ainda, como recurso válido para a valorização cultural em situações práticas, indo além do simples registro linguístico. Sob essa perspectiva, nasceu o projeto do Dicionário, como uma proposta para o fortalecimento, manutenção e valorização da língua Guarani.

A elaboração de dicionários bilíngues enfrenta desafios relacionados à complexidade dos significados nas línguas naturais, uma vez que as palavras não têm um significado único. Conforme afirma Adamska-Salaciak (2016, p. 146, tradução própria), “as palavras exibem um *continuum* de significados, com diferentes sentidos sombreando-se uns aos outros, muitas vezes imperceptivelmente”⁶. Assim, faz-se necessário considerar aspectos da língua em uso, por meio da apresentação de abonações no dicionário:

A tarefa do lexicógrafo é analisar muitos exemplos típicos de uso da língua (tal como registrados em um *corpus* linguístico) dos quais emerge o significado real, e formular generalizações com base nos casos analisados que podem mais tarde ser apresentados em um dicionário (Adamska-Salaciak, 2016, p. 146, tradução própria)⁷.

Geeraerts (2016, p. 433, tradução própria) alinha-se a essa perspectiva ao discutir sobre relações da Lexicografia com a teoria lexical, afirmendo que, “em contraste com a semântica estruturalista, a semântica cognitiva assume uma abordagem baseada no uso, em vez de uma abordagem baseada no sistema, para a descrição do significado”⁸.

Línguas naturais não são isomórficas. Embora o lexicógrafo encontre, algumas vezes, sentidos correspondentes às duas línguas, o mais comum é não encontrar sentidos

⁶ No original: “words exhibit a meaning continuum with different meanings shading into one another, often imperceptibly”.

⁷ No original: “The lexicographer’s task is to analyse many typical instances of language use (as recorded in a language corpus) from which actual meaning emerge, and to formulate generalizations on the basis of the analysed instances which can later be presented in a dictionary” (Adamska-Salaciak, 2016, p. 146).

⁸ No original: “in contrast with structuralist semantics, cognitive semantics takes a usage-based rather than a system-based approach to the description of meaning” (Geeraerts, 2016, p. 433).

correlatos, uma vez que as línguas naturais podem se distinguir em termos de estrutura, tipologia, cultura entre outros tantos aspectos, o que se constitui um grande desafio na elaboração de dicionários bilíngues. Desse modo, ao longo do processo de elaboração do Dicionário, temos buscado soluções para apresentar os sentidos do Guarani-Mbyá, como a inserção das flexões nominais e verbais, a apresentação de abonações e de notas linguístico-antropológicas, quando necessárias à compreensão dos lexemas, considerando sempre as condições da língua em uso, as experiências dos falantes e os processos de interação.

O parentesco Guarani-Mbyá

Segundo Gomes (2019, p. 74), o parentesco reflete a organização social de um povo, uma base social de relacionamentos:

[...] sistema de organização social composto pelo conjunto de pessoas que se identificam entre si em função de reconhecerem um vínculo comum, seja por consanguinidade (pai, mãe, irmão, avós, tios, primos, netos, etc.), casamento (esposa, sogro, genro, pessoas casadas com tios, também chamados tios), adoção (qualquer um desses, por extensão) ou algum tipo ritual de incorporação (padrinho, afilhado). Esse conjunto se organiza em categorias de identidade (pais, filhos, irmãos, primos, netos, avós, etc.) de que se esperam comportamentos mais ou menos consistentes.

O estudo do parentesco, como uma das áreas da vida social, segundo Pereira (1999, p. 7), pode contribuir para formular normas e regras mais gerais de um sistema:

O parentesco é analisado como uma das instâncias da vida social, que, junto com outras esferas, ajuda a compreender como os comportamentos individuais e coletivos adquirem significado no plano do vivido. O parentesco, mesmo não sendo uma esfera totalizadora, permite formular normas e regras mais gerais, constituindo um sistema.

Conforme Pissolato (2007, p. 175), a literatura etnológica frequentemente apontou o parentesco Guarani como lugar de estruturação da vida social, e a família extensa, como “unidade social básica, unidade de produção econômico-religiosa e política”. Schaden (1974, p. 73) descreveu a organização social do povo Guarani como uma sociedade organizada em torno da família-grande, o que compreende o casal, as filhas casadas, os genros e a geração descendente. Litaiff (1996, p. 58), em seu estudo sobre os Guarani-Mbyá da aldeia de Bracuí, em Angra dos Reis/RJ, apresentou a configuração da matrilocalidade na sociedade Mbyá: “o homem constrói a sua residência ao lado da casa da família da esposa”, o que também é observado em outras aldeias Guarani-Mbyá.

Em alguns casos, o novo casal reside junto à família da esposa por um bom período de tempo, algumas vezes até que nasça o primeiro filho, e, quanto à descendência, o pesquisador apontou para uma maior incidência à bilinearidade, com o predomínio da linhagem patrilinear.

Nas aldeias Mbyá, as famílias moram em locais denominados *jopygua*⁹, que são os núcleos das famílias extensas. Segundo o Prof. Mbyá Joel Kuaray (em comunicação pessoal), *jopygua* significa ‘pais do mesmo lugar’, revelando, assim, a organização social a partir das configurações do parentesco.

Diante disso, a observação e o estudo dos sistemas de parentesco nas diferentes sociedades são pautas que interessam a diversas áreas do conhecimento. A Linguística, ao registrar e se debruçar sobre os termos de parentesco, contribui com a análise do funcionamento das sociedades, seja pela Antropologia, História, Filosofia, Sociologia ou por outros campos. Os usos lexicais dos termos que descrevem as relações de parentesco, atrelados aos sentidos acionados por esses, revelam como as sociedades compreendem e organizam as categorias de identidade relacionadas aos papéis estabelecidos. Sendo assim, “em cada sociedade, o vínculo de parentesco é definido pela intensidade e funcionalidade de suas categorias e grupos” (Gomes, 2019, p. 74).

Não há muitos estudos que descrevam a categoria semântica do parentesco Guarani. Ao fazer um trabalho comparativo sobre a conservação e a inovação nos termos de parentesco Guarani, especificamente nas variedades Mbyá e paraguaias, Dietrich (2014) destaca a gênese do registro do sistema de parentesco Guarani, documentado em Montoya (2002 [1640] e 2011b [1639]), respectivamente, no *Vocabulario de la Lengua Guarani* e no *Tesoro de la Lengua Guarani*. O *Vocabulario* apresenta uma ampla lista de palavras e expressões em espanhol traduzidas para o Guarani e o *Tesoro*, entradas em Guarani, com tradução para o espanhol, com abonações e riqueza de informações linguísticas.

Além disso, termos de parentesco na língua Guarani podem ser localizados no *Catecismo de la Lengua Guarani* (Montoya, 2011a [1640]), compêndio da doutrina cristã que apresenta orações, trechos clássicos do texto bíblico, como os dez mandamentos, além de textos doutrinários da igreja católica, apresentados na língua guarani e no espanhol. Os termos são apresentados em quatro seções: *Nombres de parentesco*, *Primer grado entre hermanos*, *Segundo grado entre primos*, *Sobrinos y Tercero grado*, *primos segundos*.

Na elaboração do Dicionário, as entradas foram feitas a partir das anotações resultantes da pesquisa de campo, parte registrada em Ivo (2018)¹⁰ e por meio de

⁹ -*jopy* tem dois sentidos básicos: 1. pegar e 2. unir-se. O segundo sentido, apresentado em Cadogan (2011 [1992], p. 69) como ‘unir-se’ pertence ao vocabulário ritual, sagrado. Morfossintaticamente, o termo pode ser interpretado a partir da seguinte composição: {*jo*-} ‘recíproco’ + {*py*} ‘locativo’ (posposição) + {-*gua*} ‘nominalizado’ – sufixo que, com as formas *py* e *-gui* <*pygua*, *guigua*>, veicula o sentido ‘procedente de’. Essa composição explica a tradução de *jopygua* como ‘pais do mesmo lugar’, ou seja, ‘pais unidos em um lugar recíproco’.

¹⁰ Esta pesquisa foi submetida e aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa, sob o nº CAAE 48907614.2.0000.5404, obtendo também aprovação do relatório sob o parecer nº 5.222.693.

entrevistas semiestruturadas com os consultores Guarani-Mbyá, participantes do projeto, falantes e professores em escolas indígenas.

A pesquisa é fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), com reflexões sobre a relação entre a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem (Moreno-Fernández, 1998). A Sociolinguística é a área da Linguística que propõe o estudo da língua em reais situações de uso, concebendo a relação entre a estrutura linguística, os aspectos socioculturais e a efetiva produção linguística. Conforme esclarecem Cezário e Votre (2012, p. 141): “Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”. Assim, compreendemos que no estudo do parentesco há mais que formas linguísticas, há toda uma trama sociocultural que explica os seus usos, o que deve figurar, de algum modo, no dicionário.

Labov (2008 [1972], p. 215) fala a respeito da Sociologia da Linguagem, como uma área de pesquisa que tem sido incluída na Sociolinguística, a qual inclui aspectos sociais diversos, que dialogam com as questões enfrentadas pelas línguas indígenas brasileiras:

Lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos. Há várias questões abertas e diversos problemas práticos associados com o declínio e a assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização de línguas e o planejamento linguístico do desenvolvimento da língua em nações recém-surgidas.

Além disso, o autor fala sobre outra área dedicada aos detalhes da língua em uso, também incluída na Sociolinguística:

[...] o campo que Hymes tem chamado de “etnografia da fala” (1962). Há muito o que fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções. Este estudo funcional é concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística (Labov, 2008 [1972], p. 216).

Considerando aspectos da língua em uso, observamos que quando uma sociedade muda, suas dinâmicas sociais também mudam, o que inclui, naturalmente, as relações de parentesco. Assim, em comunidades Guarani com grande avanço da língua portuguesa, uma das observações feitas é a não manutenção de dois termos distintos para irmãos (mais velhos e mais novos), o que pode ocasionar a simplificação para apenas uma das formas.

Moreno-Fernández (1998), em sua obra “*Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje*”, explica que, dentre os interesses da Sociolinguística, figura a relação entre a língua, a organização social e a visão do mundo. Considerando a proposta de Labov (2008 [1972]), de um estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social de dada comunidade de fala, definimos alguns passos metodológicos.

Para a obtenção dos dados de parentesco, em uma primeira etapa, foram solicitadas as relações familiares vivenciadas pelos participantes, por meio de perguntas como: qual o nome do seu pai (mãe, filho, filha etc.). Após o estabelecimento das relações (nas duas gerações ascendentes, na geração do ego¹¹ e nas duas gerações descendentes, incluindo-se os parentes consanguíneos e afins), as perguntas se voltavam, na segunda etapa, aos termos de parentesco, propriamente ditos, mantendo-se sempre a referência particularizada. Assim, caso o nome do pai do participante fosse João, a pergunta seria: como você chama o sr. João? Os termos de parentesco foram validados por outros falantes, também participantes do projeto, seguindo a mesma metodologia. Quando um falante não tinha uma relação particular (netos e netas, por exemplo), essa informação era buscada com outros participantes que a vivenciava.

No processo de elaboração do Dicionário, os lexemas foram agrupados em categorias semânticas, antes da elaboração das entradas, o que garantiu, por conseguinte, o registro de diversos âmbitos da vida, como alimentação, saúde, fauna, flora, parentesco, música etc. Além disso, o agrupamento em categorias permitiu a identificação de padrões e sistematizações linguísticas. Dentre as categorias semânticas pré-estabelecidas, os termos de parentesco revelaram mecanismos de significação e ressignificação, variações fonético-fonológicas, construções morfossintáticas e, também, informações de caráter linguístico-antropológico.

A interpretação e o tratamento dos termos parentesco, apresentados a seguir, são apenas um recorte do trabalho realizado no projeto, o que torna possível a discussão acerca de fatores sociais e culturais que atravessam essa língua, sejam eles exclusivos à categoria de parentesco ou não. Sob uma perspectiva de pesquisa colaborativa, a elaboração das entradas, bem como a compreensão dos sentidos na língua portuguesa, passa pela aferição de falantes Guarani de diferentes regiões do país. São os falantes Guarani a autoridade máxima e final sobre as decisões da escrita e sobre os sentidos atribuídos a cada lexema.

A elaboração das entradas dos termos de parentesco no Dicionário

Quanto à macroestrutura, no Dicionário, os verbetes são organizados segundo a ordem alfabética proposta e adotada pelos professores Mbyá participantes do projeto. As formas lexicais presas e livres seguem, igualmente, a ordem alfabética adotada.

¹¹ Ego é o termo que especifica a pessoa em foco. Segundo Mello-Wolter (2009, p. 38, tradução própria), “na Antropologia, se aplica como o ponto de referência no sistema instituído para as relações de parentesco”, ou seja, o termo que “designa a posição a partir da qual se tratam as relações” (Castro, 1995, p. 22).

Formas derivadas são apresentadas com identificação, o que também é feito com as formas compostas. Além disso, são apresentadas as flexões nominais e verbais nos verbetes, a fim de atender aos consulentes que não falam a língua Guarani.

Com respeito à microestrutura, os verbetes apresentam a seguinte sequência: entrada (em negrito); transcrição fonética; classificação gramatical segundo o funcionamento da língua Guarani (em cor azul); sentido em português entre aspas simples; grupo étnico (quando se pretende explicitar particularidades linguísticas de certo grupo ou dados de variação linguística); informação morfossintática (entre parênteses simples e angulares), quando necessária à compreensão do verbete¹²; flexões nominais (introduzidas pelo símbolo ≈, em cor azul) e verbais (introduzidas pelo símbolo //, também em cor azul), abonações, em negrito, introduzidas pelas iniciais dos autores e devidamente traduzidas; remissões (introduzidas com o símbolo →) e nota linguístico-antropológica (quando necessária à compreensão do verbete):

Figura 1 – *kuā regua*

Cabeça do Verbete	Transcrição Fonética	Classificação	Sentido	Grupo Guarani ¹	Informação Morfossintática
kuā regua [kwā're'gwa] npt. ‘anel’ (Mb) < <i>kuā</i> ‘dedo’ + { <i>r-</i> } ‘prefixo relacional’ + <i>-egua</i> ‘próprio de alguém ou algo’ → Isg. <i>xekuā regua</i> ; 2sg. <i>nekuā regua</i> ; 3sg. <i>ikuā regua</i> ; 1pl. (incl). <i>nhanekuā regua</i> ; 1pl.(excl) <i>orekuā regua</i> ; 2pl. <i>penekuā regua</i> ; 3pl. <i>ikuā regua</i> [II]: xekuā regua Julia ame’ē ‘dei meu anel para Julia’, Julia omokanhy xekuā regua ame’ē va’ekue ‘Julia perdeu o anel que eu tinha dado’ → kuā_{NLA}					

Flexão Nominal Remissão Nota Linguístico-Antropológica Abonações

Fonte: Ivo *et al.* (em fase de elaboração)

Os verbetes relacionados ao parentesco Guarani foram elaborados segundo as distinções lexicais para cada ego (masculino e feminino).

Na organização do *corpus*¹³ utilizado para a elaboração das entradas do parentesco Guarani-Mbyá (apresentado abaixo), além de separarmos os termos por ego (feminino

¹² Ao leitor, recomenda-se sempre retomar às observações sobre a fonologia, morfossintaxe e os processos de harmonização da nasalidade registradas na chave de leitura do Dicionário.

¹³ No *corpus* apresentado neste trabalho, os termos de parentesco estão flexionados com o marcador de posse de 1^a pessoa singular: {xe-}, o que se justifica pelo fato de os termos de parentesco constituirão, juntamente com termos para as partes do corpo, lexemas obrigatoriamente possuíveis e inalienáveis. Os marcadores de pessoa são: 1^a sg: xe-, 2^a sg: nde- ~ ne-, 3^a sg/pl. {i-} ~ [i-] ~ {idj-} ~ [inh-], 1^a pl. (inclusiva) nhande ~ nhane-, 1pl. (exclusiva) ore-, 2^a pl. pende- ~ pene-. A série dos morfemas marcadores de pessoa se subdivide em duas, segundo o uso ou não do prefixo relacional {r-}, um morfema que se interpõe entre o prefixo de pessoa e a base lexical. Conforme explica Cerno (2013, p. 194), “a sintaxe nominal básica do Guarani consiste na determinação de um nome por outro: xe- -po ‘minha mão’. Nos lexemas que demandam o uso do prefixo relacional {r-}, ‘o morfema r- assinala esta relação sintática: jacaré r- -o’o ‘carne de jacaré’. A forma {r-} ocorre quando o possuidor não é expresso com um pronome de 3^a pessoa (xe- r-ova ‘meu rosto’). Para a 3^a pessoa, nessa subclasse, há duas formas: com o prefixo {h-}, para a 3^a pessoa especificada: h- -ova ‘rosto dele(a), e a forma {t-}, para a 3^a pessoa não especificada, indicando uma referência do tipo absoluta: t-ova ‘rosto de alguém’.”

e masculino), destacamos com negrito as duas gerações ascendentes do ego, a geração do ego e as duas gerações descendentes dele. Em busca de possível variação linguística, foram separados os termos relacionados ao ‘lado materno’ e ao ‘lado paterno’ da geração ascendente. Ainda que não tenham sido identificadas distinções, mantivemos a separação dos dados na tabela, a fim de deixar claro o caminho metodológico trilhado.

Quadro 1 – Termos de parentesco Guarani-Mbyá (ego feminino)

Ego feminino	
2^a geração ascendente (lado materno)	2^a geração ascendente (lado paterno)
Meu avô – <i>xeramõi</i>	Meu avô – <i>xeramõi</i>
Irmão do meu avô – <i>xeramõi'ĩ</i>	Irmão do meu avô – <i>xeramõi'ĩ</i>
Irmã do meu avô – <i>xejaryi'i</i>	Irmã do meu avô – <i>xejaryi'i</i>
Minha avó – <i>xejaryi</i>	Minha avó – <i>xejaryi</i>
Irmão da minha avó – <i>xeramõi'ĩ</i>	Irmão da minha avó – <i>xeramõi'ĩ</i>
Irmã da minha avó – <i>xejaryi'i</i>	Irmã da minha avó – <i>xejaryi'i</i>
1^a geração ascendente	
Meu pai – <i>xeru</i>	Irmão da minha mãe – <i>xetuty</i>
Irmão do meu pai – <i>xeruvy'i</i>	Esposa do irmão da minha mãe – <i>xeke'i</i>
Irmã do meu pai – <i>xejaixe</i>	Irmã da minha mãe – <i>xexy'y</i>
Esposa do irmão do meu pai – <i>xerovaja</i>	Esposo da irmã da minha mãe – <i>xerovaja</i>
Esposo da irmã do meu pai – <i>xerovaja</i>	Mãe do meu esposo – <i>xeme xy</i>
Minha mãe – <i>xexy, ha'i</i> ¹⁴	Pai do meu esposo – <i>xeme ru</i>
Geração do ego	
1^a geração descendente	
Meu esposo – <i>xeme</i>	Filho do meu irmão – <i>xepẽ, xepẽ'ĩ</i>
Irmão do meu esposo – <i>xerovaja</i>	Filha do meu irmão – <i>xepẽ, xepẽ'ĩ</i>
Irmã do meu esposo – <i>xerovaja</i>	Filho da minha irmã – <i>xememby kyrĩ</i>
Meu irmão mais velho – <i>zekyvy tuja</i>	Filha da minha irmã – <i>xememby kyrĩ</i>
Meu irmão mais novo – <i>zekyvy kyrĩ</i>	Meu filho – <i>xepi'a</i>
Minha irmã mais velha – <i>xeryke</i>	Minha filha – <i>xememby</i>
Minha irmã mais nova – <i>xekypy'y</i>	Esposa do meu filho – <i>xepi'a ra'yxy</i>
Esposo da minha irmã – <i>xerovaja</i>	Esposo da minha filha – <i>xememby me</i>
Filho do irmão do meu pai (+ velho) – <i>zekyvy tuja</i>	
Filho do irmão do meu pai (+ novo) – <i>zekyvy</i>	2^a geração descendente
Filho da irmã do meu pai (+ velho) – <i>zekyvy tuja</i>	Filho da minha filha – <i>xeremiarirõ</i>

¹⁴ *Ha'i* faz parte do léxico sagrado, uso alternativo a -xy.

Filho da irmã do meu pai (+ novo) – <i>xekyvy</i>	Filha da minha filha – <i>xeremiarirõ kyrĩ</i>
Filha do irmão do meu pai (+ velha) – <i>xeryke</i>	Filho do meu filho – <i>xeremiarirõ</i>
Filha do irmão do meu pai (+ nova) – <i>xekypy'y</i>	Filha do meu filho – <i>xeremiarirõ</i>
Filha da irmã do meu pai (mais velha) – <i>xeryke</i>	
Filha da irmã do meu pai (+ nova) – <i>xekypy'y</i>	
Filho do irmão da minha mãe (+ velho) – <i>xekyvy tuja</i>	
Filho do irmão da minha mãe (+ novo) – <i>xekyvy kyrĩ</i>	
Filho da irmã da minha mãe (+ velho) – <i>xekyvy tuja</i>	
Filho da irmã da minha mãe (+ novo) – <i>xekyvy kyrĩ</i>	
Filha do irmão da minha mãe (+ velha) – <i>xeryke</i>	
Filha da irmão da minha mãe (+ nova) – <i>xekypy'y</i>	
Filha da irmã da minha mãe (+ velha) – <i>xeryke</i>	
Filha da irmã da minha mãe (+ nova) – <i>xekypy'y</i>	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2 – Termos de parentesco Guarani-Mbyá (ego masculino)

Ego Masculino	
2^a geração ascendente (lado materno)	2^a Geração ascendente (lado paterno)
Meu avô – <i>xeramõi</i>	Meu avô – <i>xeramõi</i>
Irmão do meu avô – <i>xeramõi'ĩ</i>	Irmão do meu avô – <i>xeramõi'ĩ</i>
Irmã do meu avô – <i>xejaryi'i</i>	Irmã do meu avô – <i>xejaryi'i</i>
Minha avó – <i>xejaryi</i>	Minha avó – <i>xejaryi</i>
Irmão da minha avó – <i>xeramõi'ĩ</i>	Irmão da minha avó – <i>xeramõi'ĩ</i>
Irmã da minha avó – <i>xejaryi'i</i>	Irmã da minha avó – <i>xejaryi'i</i>
1^a geração ascendente	
Meu pai – <i>xeru</i>	Irmão da minha mãe – <i>xetuty</i>
Irmão do meu pai – <i>xeruvy'i</i>	Esposa do irmão da minha mãe – <i>xexy'y</i>
Irmã do meu pai – <i>xejaixe</i>	Irmã da minha mãe – <i>xexy'y</i>
Esposa do irmão do meu pai – <i>xerovaja</i>	Esposo da irmã da minha mãe – <i>xerovaja</i>
Esposo da irmã do meu pai – <i>xerovaja</i>	Mãe da minha esposa – <i>xeraixo</i>
Minha mãe – <i>xexy, ha'i</i>	Pai da minha esposa – <i>xeratyvu</i>

Geração do ego	1ª geração descendente
Minha esposa (com filhos) – <i>xera'y xy</i>	Filho do meu irmão – <i>xera'y kyrī</i>
Minha esposa (sem filhos, namorada) – <i>xerem-bireko</i>	Filha do meu irmão – <i>xerajy kyrī</i>
Irmã da minha esposa – <i>xerovaja</i>	Filho da minha irmã – <i>xeri'y</i>
Irmão da minha esposa – <i>xerovaja</i>	Filha da minha irmã – <i>xejaxipe</i>
Meu irmão mais velho – <i>xeryke'y</i>	Meu filho – <i>xera'y</i> ¹⁵
Meu irmão mais novo – <i>xeryvy</i>	Minha filha – <i>xerajy</i>
Minha irmã mais velha – <i>xereindy guainguī</i>	Esposa do meu filho – <i>xera'y ra'yxy</i>
Minha irmã mais nova – <i>xereindy kyrī</i>	Esposo da minha filha – <i>xerajy me</i>
Esposa do meu irmão – <i>xerovaja</i>	2ª geração descendente
Filho do irmão do meu pai (+ velho) – <i>xeryke'y</i>	Filho da minha filha – <i>xeramyminō</i>
Filho do irmão do meu pai (+ novo) – <i>xeryvy</i>	Filha da minha filha – <i>xeramyminō</i>
Filho da irmã do meu pai (+ velho) – <i>xeryke'y</i>	Filho do meu filho – <i>xeramyminō</i>
Filho da irmã do meu pai (+ novo) – <i>xeryvy</i>	Filha do meu filho – <i>xeramyminō</i>
Filha do irmão do meu pai (+ velha) – <i>xereindy guainguī</i>	
Filha do irmão do meu pai (+ nova) – <i>xereindy kyrī</i>	
Filha da irmã do meu pai (+ velha) – <i>xereindy guainguī</i>	
Filha da irmã do pai (+ nova) – <i>xereindy kyrī</i>	
Filho do irmão da mãe (+ velho) – <i>xeryke'y</i>	
Filho do irmão da mãe (+ novo) – <i>xeryvy</i>	
Filho da irmã da mãe (+ velho) – <i>xeryke'y</i>	
Filho da irmã da mãe (+ novo) – <i>xeryvy</i>	
Filha do irmão da mãe (+ velha) – <i>xereindy guainguī</i>	
Filha do irmão da mãe (+ nova) – <i>xereindy kyrī</i>	
Filha da irmã da mãe (+ velha) – <i>xereindy guainguī</i>	
Filha da irmã da mãe (+ nova) – <i>xereindy kyrī</i>	

Fonte: Elaboração própria

¹⁵ 'y 'linhagem' (parte de). Exemplo de uso: -*ha'ykue*: <{h-} 3ª pessoa singular + {'y} 'linhagem' + {-kue} 'corpo' = 'parte do corpo'.

Análise e discussão dos resultados

A estrutura semântica acima apresentada revela algumas características particulares relacionadas aos termos de parentesco:

1. Não há distinção dos termos nas duas gerações ascendentes para os egos;
2. Enquanto o ego feminino utiliza o termo *xeme* ‘meu esposo’, o ego masculino distingue dois termos para esposa: *xera'y xy* (mãe do meu filho) e *xerembireko* (esposa sem filhos);
3. Os dois egos (feminino e masculino) distinguem os termos para irmãos e irmãs, além de terem termos específicos que diferenciam os mais velhos dos mais novos;
4. Os dois egos (feminino e masculino) utilizam os mesmos termos que usam para irmão e irmãs para primos e primas (cruzados e paralelos)¹⁶;
5. O ego masculino utiliza um único termo para irmão e irmã da esposa, *xerovaja*, enquanto o ego feminino usa o termo *xerovaja* para irmão do esposo e *xeke'i* para irmã do esposo;
6. Para sobrinho e sobrinha, quando filhos e filhas do irmão, o ego masculino utiliza o mesmo termo usado para filho e filha, respectivamente: *xera'y* e *xerajy*, adicionando o qualificador *kyrī* ‘mais novo(a)’, ‘pequeno(a)’;
7. Para sobrinho e sobrinha, quando filhos e filhas da irmã, o ego feminino utiliza o mesmo termo usado para filha: *xememby*, adicionando o qualificador *kyrī* ‘mais novo(a)’, ‘pequeno(a)’;
8. Para sobrinho e sobrinha, filhos e filhas do irmão, o ego feminino utiliza termos específicos: *xepē* ou *xepē'i* (adicionando o sufixo {-'i} ‘diminutivo’. Para sobrinhos, filhos da irmã, utiliza *xememby*, o mesmo termo usado para ‘minha filha’, adicionando o termo *kyrī* ‘mais novo(a)’, ‘pequeno(a)’;
9. Para sobrinho e sobrinha, filhos da irmã, o ego masculino usa *xeri'y*, para sobrinho e *xejaxipe*, para sobrinha. Para o filho do irmão, *xera'y kyrī* e para a filha do irmão, *xerajy kyrī*, respectivamente, utiliza os mesmos termos para filho e filha, acrescidos do termo *kyrī* ‘mais novo(a)’, ‘pequeno(a)’;
10. Os dois egos (feminino e masculino) utilizam termos específicos para filho e filha: o ego masculino usa os termos *xera'y* ‘meu filho’ e *xerajy* ‘minha filha’ e o ego feminino utiliza os termos *xepi'a* ‘meu filho’ e *xememby* ‘minha filha’;
11. Para o ego masculino, os termos para nora e genro são produzidos a partir das seguintes construções:

¹⁶ De acordo com Batalha (2003, p. 103), “São primos cruzados os filhos de dois irmãos de sexo diferente (irmão com irmã). São primos paralelos os filhos de dois irmãos do mesmo sexo (irmão com irmão; irmã com irmã). Isto equivale a dizer que são primos cruzados os filhos de irmãos de sexo diferente e são primos paralelos os filhos de irmãos do mesmo sexo”.

xera'y ra'yxy

<i>xe-</i>	<i>r-</i>	<i>-a'y</i>	<i>r-</i>	<i>-a'y</i>	<i>-xy¹⁷</i>
1SG.INATIV.	REL ¹⁸	filho ¹⁹	REL	filho	mãe
'mãe do(s) filho(s) do(s) meu(s) filho(s)'					

xerajy me

<i>xe-</i>	<i>r-</i>	<i>-ajy</i>	<i>-me</i>
1SG.INATIV.	REL	filha	esposo
'esposo da minha filha'			

12. Para o ego feminino, os termos para nora e genro são produzidos a partir das seguintes construções:

xepi'a ra'yxy

<i>xe-</i>	<i>-pi'a</i>	<i>r-</i>	<i>-a'y</i>	<i>-xy</i>
1sg.	filho	REL	descendência	mãe
'mãe do(s) filho(s) do(s) meu(s) filho(s)'				

xememby me

<i>xe-</i>	<i>-memby</i>	<i>-me</i>
1sg.	filha	esposo
'esposo da minha filha'		

13. Não há variação para os dois egos (feminino e masculino) na 2^a geração descendente.

Outro aspecto que demandou uma tomada de decisão diz respeito à tradução das flexões nominais nas entradas. Na microestruturação das entradas, optou-se por não traduzir os sentidos das relações de parentesco à luz daquelas conhecidas na sociedade brasileira, uma vez que as concepções culturais são específicas. Assim, ainda que fossem mantidos termos como ‘pai’, ‘mãe’ e outros, alguns sentidos são múltiplos em Guarani para outras relações de parentesco. Para esses casos, especificamente, as relações foram, alternativamente, descritas e não traduzidas para o português. Um exemplo desse tipo de entrada é o termo *-ovaja*, que, embora alguns dicionários traduzam como ‘cunhado’ (cf. Guash, 2003, p. 137; Dooley, 2006, p. 134), na verdade, expressa outras relações além daquela expressa na geração do ego, como se pode observar no quadro 3:

¹⁷ Neste trabalho, utilizamos as seguintes abreviaturas na elaboração das glossas: 1SG. INATIV. = 1^a pessoa singular paradigma inativo; REL= prefixo relacional.

¹⁸ Segundo Ivo (2023), o Mbyá recorre, ainda, ao uso da forma reflexiva de 3^a pessoa {Ng-}, como é possível se ver no dado *nguu* ‘o próprio pai dele(a)’.

¹⁹ O Prof. Mbyá Joel Kuaray, em comunicação pessoal, explica que o sentido para esse léxico é ‘minha linhagem’.

Quadro 3 – Sentidos de -ovaja

1ª geração ascendente ego feminino		1ª geração ascendente ego masculino	
Relação	Termo	Relação	Termo
Esposa do irmão do pai	-ovaja	Esposa do irmão do pai	-ovaja
Esposo da irmã do pai	-ovaja	Esposo da irmã do pai	-ovaja
Esposo da irmã da mãe	-ovaja	Esposo da irmã da mãe	-ovaja
Geração do ego			
Irmão do esposo	-ovaja	Irmão da esposa	-ovaja
Esposo da irmã	-ovaja	Esposo da irmã	-ovaja

Fonte: Elaboração própria

A entrada do lexema *-ovaja* foi elaborada, pois, de modo que apresentasse a distinção entre os egos e, também, a polissemia do termo, cada sentido introduzido por um numeral cardinal horizontalmente²⁰:

Quadro 4 – ovaja

-ovaja [Ova?dʒa] npi. 1. (**ego feminino e masculino**) ‘esposo da irmã do(a) pai/mãe’; ‘esposo da irmã’; 2. (**ego masculino**) ‘irmã(o) da esposa; ‘esposa do irmão’; ‘esposa do irmão do pai’; 3. (**ego feminino**) ‘irmão do esposo’ (<prefixo de pessoa + prefixo relacional + *-ovaja*) ≈ 1sg. xerovaja; 2sg. nderovaja; 3sg. hovaja; 1pl. (incl) nhanderovaja; 1pl. (excl) orerovaja; 2pl. penderovaja; 3pl. hovaja

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

Outro exemplo é o uso dos termos *-amõi* e *-jaryi*, termos da segunda geração ascendente dos egos masculino e feminino. Os termos incluem sentidos relacionados a ‘avô’ e ‘avó’ respectivamente, mas também o que se compreenderia no Brasil como “tio-avô” e “tia-avó”. Observemos, ainda no quadro abaixo, a inserção do morfema

²⁰ Na língua Guarani, há três tipos de substantivos, os não referenciados para posse, os possuíveis transferíveis e os possuíveis intransferíveis. Os não referenciados para posse formam um conjunto semanticamente homogêneo, relacionado a fenômenos naturais e de outras naturezas, os quais não podem ser “possuídos” por nenhuma pessoa ou entidade (Cerno, 2013, p. 125). No Dicionário, esses lexemas recebem o rótulo **npt.** (nomes não possuíveis – em cor azul). Ex: *jaxy* ‘lua’, *yvyra* ‘árvore’ etc. Há nomes que podem ou não ser possuídos e, se possuídos, transferíveis, a depender do contexto comunicativo. Esses lexemas são rotulados como **npt.** (nomes possuíveis transferíveis, em cor azul). Ex: *kuaxia* ‘livro’, *kuã regua* ‘anel’. Os nomes possuíveis intransferíveis, na língua Guarani, são aqueles que utilizam, obrigatoriamente, marcadores para expressar posse. Este subgrupo inclui os campos semânticos das partes do corpo humano, os nomes de parentesco, os nomes de qualidades e outros lexemas concebidos por pertencerem a um conjunto natural ou cultural (Cerno, 2013). Esses nomes recebem o rótulo **npi.**, em cor azul.

{‘-i’} que, segundo os falantes, além do sentido de ‘diminutivo’, amplia o campo de significação desses termos, acrescentando um caráter afetivo (maior carinho) às relações:

Quadro 5 – Sentidos de -amõi’i e -jaryi’i²¹

2 ^a geração ascendente (lado materno)		2 ^a geração ascendente (lado paterno)	
Relação	Termo	Relação	Termo
Avô	<i>xeramõi</i>	Avô	<i>xeramõi</i>
Irmão do avô	<i>xeramõi’i</i>	Irmão do avô	<i>xeramõi’i</i>
Irmã do avô	<i>xejaryi’i</i>	Irmã do avô	<i>xejaryi’i</i>
Avó	<i>xejaryi</i>	Avó	<i>xejaryi</i>
Irmão da avó	<i>xeramõi’i</i>	Irmão da avó	<i>xeramõi’i</i>
Irmã da avó	<i>xejaryi’i</i>	Irmã da avó	<i>xejaryi’i</i>

Fonte: Elaboração própria

Além disso, os termos *-amõi* e *-jaryi* possuem os sentidos de ‘antepassado’ e ‘líder espiritual’. Assim, a partir da amplitude das relações e sentidos, optamos por elaborar uma entrada principal para a segunda geração ascendente, com os sentidos comuns aos dois egos e, depois, subentradas com os sentidos para as outras relações de parentesco. Além disso, inseriu-se uma Nota Linguístico-Antropológica, na entrada, a fim de apresentar os aspectos culturais relacionados ao termo, nesse caso, o papel e as funções dos líderes espirituais na sociedade Guarani. A nota é acessada pela remissão sobrescrita situada ao final da entrada (veja-se ^{NLA}²²).

²¹ O uso do sufixo {-’i}, além do sentido de ‘diminutivo’ (*vypyra’i* ‘árvore pequena’), expressa afeto, como acreditamos ser este o caso.

²² Esclarecemos que as Notas Linguístico-Antropológicas no Dicionário dizem respeito a considerações de cunho interdisciplinar, introduzidas nas entradas que necessitam de uma contextualização específica da cultura Guarani-Mbyá, para além da própria tradução do termo, não ocorrendo somente nos termos de parentesco.

Quadro 6 – -amõi e -amõi’i

- amõi** [a'mõi] npi. (**ego feminino e masculino**) 1. ‘antepassado’, 2. ‘líder espiritual’, 3. avô (<prefixo de pessoa + prefixo relacional + -amõi>) ≈ 1sg. xeramõi; 2sg. neramõi; 3sg. tamõi; 1pl. (incl) nhaneramõi; 1pl. (excl) oreramõi; 2pl. peneramõi; 3pl. tamõi^{NLAⁱⁱⁱ}
- amõi’i** [amõi'?'i] npi. (**ego feminino e masculino**) ‘irmão do(a) avô/avó’ (<prefixo de pessoa + prefixo relacional + -amõi + ‘i’ diminutivo>) ≈ 1sg. xeramõi’i; 2sg. neramõi’i; 3sg. tamõi’i; 1pl. (incl) nhaneramõi’i; 1pl. (excl) oreramõi’i; 2pl. peneramõi’i; 3pl. tamõi’i

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

Quadro 7 – -jaryi e -jaryi’i

- jaryi** [dʒa'r̩i] npi. (**ego feminino e masculino**) 1. ‘antepassado’, ‘líder espiritual’, 3. ‘avó’ (<prefixo de pessoa + prefixo relacional + -jaryi>) ≈ 1sg. xejaryi; 2sg. ndejaryi; 3sg. ijaryi; 1pl. (incl) nhandejaryi; 1pl. (excl) orejaryi; 2pl. pendejaryi; 3pl. ijaryi^{NLA^v}
- jaryi’i** [dʒar̩ij'?'i] npi. (**ego feminino e masculino**) ‘irmã do(a) avô/avó’ (<prefixo de pessoa + prefixo relacional + -jaryi + {-i} ‘diminutivo>) ≈ 1sg. xejaryi’i; 2sg. ndejaryi’i; 3sg. ijaryi’i; 1pl. (incl) nhandejaryi’i; 1pl. (excl) orejaryi’i; 2pl. pendejaryi’i; 3pl. ijaryi’i

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

As Notas Linguístico-Antropológicas – NLA são inseridas como ‘nota de fim’, e são apresentadas na seção final do Dicionário. As notas referentes às duas entradas -amõi e -jaryi foram elaboradas da seguinte forma:

NLAⁱⁱⁱ: Segundo Silva (2020, p. 19), pesquisador Mbyá, a forma *xamõi* (*xeramõi*) refere-se ao ancião, ao sábio e conheededor da cultura e, também, ‘meu avô’.

NLA^v: Segundo Silva (2020, p. 19), *xaryi* (*xejaryi*) é a forma geral para falar de anciã, sábia e conheedadora da cultura, além do sentido ‘minha avó’.

Feitas as entradas particulares de cada ego, notou-se que alguns lexemas, na verdade, interseccionavam seus usos aos egos de maneira distinta, podendo, inclusive, alterná-los e acionar sentidos polissêmicos. Diante disso, foram configurados quatro cenários para a microestruturação das entradas de parentesco, apresentados em subseções da chave de leitura na introdução do Dicionário, considerando-se os diversos usos entre os egos: 1. Termos comuns aos dois egos; 2. Termos específicos para cada ego; 3. Diferentes sentidos com alternância de ego e, por fim, 4. Diferentes sentidos para um mesmo ego:

Termos comuns aos dois egos

São lexemas de parentesco que apresentam um uso comum para os dois egos nas gerações ascendentes: *-amõi* ‘avô’; *-amõi i* ‘irmão do(a) avô/avó’; *-xy* ‘mãe’; *-jaixe* ‘irmã do pai’; *-jaryi* ‘avó’; *-jaryi i* ‘irmã do(a) avô/avó’; *-tuty* ‘irmão da mãe’; *-u* ‘pai’:

Quadro 8 – -u

-u [u] **npi.** (**ego feminino e masculino**) ‘pai’ ≈ (<*prefixo de pessoa + prefixo relacional*> + *-u* ‘*pai*’>) 1sg. xeru; 2sg. nderu; 3sg. tuu; 1pl. (incl) nhanderu; 1pl. (excl) oreru; 2pl. penderu; 3pl. tuu

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

Termos específicos para cada ego

São lexemas de parentesco particulares a apenas um dos egos. Nesses casos, optou-se por apresentar essa característica nas entradas, a fim de que os consultantes saibam qual termo é adequado para seu ego, como se vê nas entradas abaixo, indicando sempre, por meio da remissão, o termo de parentesco para o outro ego:

Quadro 9 – -ajy

-ajy [a'dʒi] **npi.** (**ego masculino**) ‘filha’ (<*prefixo de pessoa + prefixo relacional + -ajy*>) ≈ F1s. xerajy; F2s. nderajy; F3s. tajy; F1p. (incl) nhanderajy; F1p. (excl) orerajy; F2p. penderajy; F3p. tajy → **-memby** (**ego feminino**)

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

Quadro 10 – -memby

-memby [mẽ'mbi] **npi.** (**ego feminino**) ‘filha’ ≈ F1s. xememby; F2s. nememby; F3s. imemby; F1p. (incl) nhanememby; F1p. (excl) orememby; F2p pememby; F3p. imemby → **-ajy** (**ego masculino**)

Fonte: Ivo et al. (em fase de elaboração)

Diferentes sentidos com alternância de ego

O fenômeno da polissemia, nos termos de parentesco, foi um fator importante para a tomada de decisões sobre a microestruturação das entradas dessa categoria semântica:

Fala-se em polissemia quando um lexema ou fraseologismo tem vários significados, várias acepções [...], as quais se diferenciam umas das outras por um ou mais semas, mas que têm pelo menos um sema em comum. Geralmente, existe um significado primeiro, (mais) concreto, e os outros surgiram pela extensão desse significado pelos processos de metáfora ou metonímia (Welker, 2004, p. 28).

Partindo disso, a polissemia apresentada pelos lexemas de parentesco revelou diferentes cenários no *Guarani-Mbyá*: termos de parentesco que alternam o sentido para cada ego e termos de parentesco com mais de um sentido para um mesmo ego. Considerando o primeiro cenário, devido à grande quantidade de informações necessárias ao entendimento dessas entradas, como as alternâncias de ego, diferentes sentidos acionados, as remissões e abonações, decidiu-se por não traduzir as flexões nas entradas, como já mencionado, o que evitou possíveis correlações com as normas de parentesco da língua portuguesa. Tal decisão, que partiu do princípio da objetividade e da compreensibilidade, serviu para não poluir visualmente as entradas, uma vez que, por comportar mais de um sentido, cada flexão teria que ser traduzida mais de uma vez ou, em outro caso, seria selecionado um dos significados para a tradução, o que dificultaria a compreensão dos demais sentidos. Posteriormente, esse princípio foi adotado para todos os lexemas que apresentaram polissemia no Dicionário.

Diferentes sentidos para um mesmo ego

Por fim, a polissemia dos termos de parentesco revelou que alguns lexemas comportam mais de um significado para um mesmo ego. Nesses casos, a decisão foi indicar o ego apenas uma vez e separar, por meio de numeração horizontal, os diferentes sentidos, além de fazer remissão ao termo do ego oposto.

Quadro 11 – -ke’i

-ke’i [kε’?i] **npi.** (**ego feminino**) **1.** ‘cônjugue do irmão do(a) pai/mãe’ → **-xy’y** (**ego masculino**), **2.** ‘cônjugue do irmão’, **3.** ‘irmã do cônjugue’ ≈ F1s. xeke’i; F2s. ndeke’i; F3s. ike’i; F1p. (incl) nhandeke’i; F1p. (excl) oreke’i; F2p. pendek’i; F3s. ike’i → **-ovaja** (**ego masculino**)

Fonte: Ivo *et al.* (em fase de elaboração)

Considerações finais

A elaboração de um dicionário em língua indígena requer atenção e sensibilidade com os aspectos socioculturais, além dos linguísticos. No trabalho aqui apresentado, atestamos a relação da estrutura semântica dos termos de parentesco com a vida social e os desdobramentos resultantes, também, da cosmovisão do povo Guarani-Mbyá, o que demandou cuidado na elaboração e apresentação dos sentidos, para que fossem mantidos os aspectos socioculturais a eles relacionados.

As cosmologias guaranis contemporâneas distinguem de modo forte dois domínios exteriores à sociedade. Um deles exclui por completo a afinidade e elege a relação paradigmática do parentesco consanguíneo – aquela que une pais e mães a seus filhos e filhas – como a forma da relação entre humanos e divindades. Os deuses guaranis são os *nhanderu* e *nhandexy* (nossos [incl] pais” e “nossas mães”, respectivamente), fonte exclusiva das capacidades existenciais para a vida dos humanos (Pissolato, 2007, p. 220).

A maneira como as sociedades se organizam reflete não só a quantidade de termos de parentesco que uma língua comporta, mas também a forma como eles são usados no dia a dia, seja devido aos seus sentidos sociais, que podem ser polissêmicos, ou por outras particularidades linguísticas e/ou culturais. O léxico de uma língua, seu uso e significações são situados, pois, socioculturalmente. Portanto, a elaboração de um dicionário bilíngue para línguas indígenas deve estabelecer um olhar crítico e sensível que trate as entradas de modo a apresentar a cultura dos falantes e, principalmente quando se tratar de falares ameaçados de extinção, que contribua para a sua visibilidade, revitalização e, consequentemente, valorização linguística. Este é o caminho almejado pelo Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português/Guarani-Mbyá.

Este estudo possibilitou um destaque ao funcionamento dos termos de parentesco do Guarani-Mbyá e inspirou reflexões a respeito dos aspectos semânticos presentes na elaboração de um dicionário em língua indígena. Além disso, consideramos a constituição deste trabalho como possível base para o tratamento da terminologia do parentesco dos demais grupos Guarani, bem como para trabalhos que se disponham a discutir a organização do parentesco desse povo.

O Dicionário, aqui apresentado parcialmente, pretende contribuir com os estudos voltados às línguas indígenas, nos aspectos de descrição e documentação, não apenas como uma fonte de busca lexical, mas como um dicionário que intenta apresentar os dados da língua atrelados aos aspectos culturais, respeitando as categorias de funcionamento da língua indígena, não elaborados, obrigatoriamente, à luz das categorias funcionais da língua portuguesa.

IVO, Ivana Pereira; RIOS, Jonedson Costa. Terms of kinship in the Bilingual Dictionary Guarani-Mbyá/Portuguese – Portuguese/Guarani-Mbyá. **Alfa**, São Paulo, v. 69, 2025.

- *ABSTRACT: This work presents the process of preparing entries for kinship terms in the Bilingual Dictionary Guarani-Mbyá/Portuguese – Portuguese/Guarani-Mbyá, considering the specificities of the indigenous language and culture and possible contributions of the project. Cultural aspects are presented by Schaden (1974), Litaiff (1996), and Pissolato (2007). The organization of the Dictionary is inspired by the proposals of Welker (2004) and the theoretical assumptions related to the creation of bilingual dictionaries, considering the possibilities for the presentation of meanings (Adamka-Salaciak, 2016) and the relationship between Lexicography and theories of Lexical Semantics (Geeraerts, 2016). The analysis of linguistic data brought to light the need for specific treatment of cases of polysemy in terms of kinship and the organization of cultural information necessary for the presentation of lexical meanings, considering the conditions of the language in use and the contexts of interaction. As a result, this article highlights the sociopolitical character of lexicographic works committed to projects for the revitalization and recovery of indigenous languages in Brazil, in addition to the intended contributions to linguistic studies.*
- **KEYWORDS:** *Bilingual dictionaries; Guarani-Mbyá; Kinship; Lexicography.*

Contribuição dos autores (conforme taxonomia CRediT)

Ivana Pereira Ivo: Conceitualização; Análise formal; Metodologia; Escrita (manuscrito original, revisão e edição).

Jonedson Costa Rios: Conceitualização; Análise formal; Metodologia; Escrita (manuscrito original, revisão e edição).

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

REFERÊNCIAS

ABA/ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Anais da II^a Reunião Brasileira de Antropologia*: realizada de 3 a 8 de julho de 1955 na cidade do Salvador, Estado da Bahia, Brasil. Salvador: S. A. Artes Gráficas, 1957. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/conteudo/ANALIS/conteudo-967268>. Acesso em: 9 abr. 2024.

ADAMSKA-SALACIAK, A. Explaining Meaning in Bilingual Dictionaries. In: DURKIN, P. (ed.). **The Oxford Handbook of Lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 144-160.

ALMEIDA, R. H. **O diretório dos índios**: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: UnB, 1997.

BATALHA, L. Descodificando o parentesco. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, [s. l.], v. 43, n. 3-4, 2003. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/tae/article/view/9825>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CASTRO, E. V. de. Pensando o Parentesco Ameríndio. In: CASTRO, E. V. de (org.). **Antropologia do parentesco**: estudos ameríndios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CERNO, L. **El Guarani Correntino**: fonologia, gramática, textos. Frankfurt: Peter Lang, 2013.

CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, C. de P. G. **Nhandewa Aywu**: fonologia do Nhandewa-Guarani. Campinas: Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

COSTA, D. S. S. Breve panorama da Lexicografia Dialetal e sua aplicação em terras brasileiras. In: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. S. (org.). **Estudos em lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 57-74.

D'ANGELIS, W. R. Línguas minoritárias, escrita e, ainda, os linguistas. In: Workshop Sobre Línguas Indígenas Ameaçadas: estratégias de preservação e de revitalização. Brasília. Brasília. **Anais** [...] Brasília: UnB, 2007. p. 1-9.

DIETRICH, W. As línguas Tupi-Guarani bolivianas e o conjunto Kawahiva: novas hipóteses sobre as origens. **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. esp. 30 anos, p. 258-295, 2021. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/497>. Acesso em: 4 fev. 2024.

DIETRICH, W. Conservação e inovação no campo léxico do parentesco: o caso do Mbyá e do Guaraní paraguaio (Tupi-Guaraní). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 195-216, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/21066>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DOOLEY, R. A. **Léxico Guarani**: dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa lingüística. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2006. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/91/89/169189115652017518143129200809439098203/GNDicLex.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

GEERAERTS, D. Lexicography and Theories of Lexical Semantics. In: DURKIN, P. (ed.). **The Oxford Handbook of Lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 425-438.

GOMES, M. P. **Antropologia**: ciência do homem: filosofia da cultura. 2. ed. 9. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019.

GUASH, A. **Diccionario Básico Guaraní-Castellano – Castellano – Guaraní**. Asunción: CEPAG, 2003.

IVO, I. P. **Características fonéticas e fonologia do Guarani no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

IVO, I. P. Categorias Lexicais do Guarani-Mbyá na Elaboração do Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá-Português. In: SOARES, E. M. et al. (org.). **Descrição, Análise e Ensino de Línguas**. Rio Branco: Napan Editora, 2023. p. 28-35. Disponível em: <https://www.napaneditora.com.br/pagina-de-produto/descri%C3%A7%C3%A3o-an%C3%A1lise-e-ensino-de-l%C3%ADnguas>. Acesso em: 16 jun. 2025.

IVO, I. P. **Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português – Guarani-Mbyá**. Colaboração: COSTA, J. L.; RIOS, J. C.; REZENDE, K. S.; PEREGRINO, B. C. Consultores Indígenas: Joel Kuaray, Simone Takuá (Jaxuka Yvoty), Sara Katu, Valério Karaí, Iraci Nunes, Marcia Nunes. Organização e elaboração da versão eletrônica: Micheline Maria Costa de Azevedo (em fase de elaboração).

IVO, I. P. Revitalização de línguas indígenas: do que estamos falando? In: D'ANGELIS, W. da. R. (org.). **Revitalização de línguas indígenas**: o que é? Como fazer? Campinas: Curt Nimuendajú: Kamuri, 2019. p. 43-63.

IVO, I. P. Categorias lexicais do Guarani-Mbyá na elaboração do dicionário bilíngue Guarani-Mbyá – Português. In: SOARES, E. P. M. et al. (org.). **Descrição, Análise e Ensino de Línguas**. Rio Branco: Napan Editora, 2023. p. 28-35.

IVO, I. P. Dicionário Bilíngue Guarani-Mbyá/Português – Português – Guarani-Mbyá. Colaboração: COSTA, J. L.; RIOS, J. C.; REZENDE, K. S.; PEREGRINO, B. C. Consultores Guarani: Joel Kuaray, Simone Takuá, Sara Katu, Valério Karaí, Iraci Nunes, Marcia Nunes. Organização e elaboração da versão eletrônica: Micheline Maria Costa de Azevedo (em fase de elaboração).

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

KRIEGER, M. G. Lexicografia: A dicionarização do léxico. In: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. S. (org.). **Estudos em lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 13-56.

LITAIF, A. **As divinas palavras**: identidade étnica dos guarani-Mbyá. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

MELIÀ, B. **La tercera lengua del Paraguay y otros ensayos**. Asunción: Servi Libro, 2013.

MONTOYA, A. R. **Catecismo de la Lengua Guarani**. Introducción y nota por Bartomeu Melià S, J. Transliteración del texto guaraní Bartomeu Melià S, J y Angélica Otazú. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2011a [1640].

MONTOYA, A. R. **Tesoro de la Lengua Guarani**. Introducción y notas por Bartomeu Melià S, J., Transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2011b [1639].

MONTOYA, A. R. **Vocabulario de la Lengua Guarani**. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos, introducción por Bartomeu Melià S, J. Asunción del Paraguay: CEPAG, 2002 [1640].

MELLO-WOLTER, R. M. **El parentesco en el Guaraní**: estudio contrastivo diacrónico y sincrónico de su léxico. 2009. Tese (Doutorado) – Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació, Universitat de València, València, 2009.

MENDES, E. O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

NIMUENDAJÚ, C. **As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec/USP, 1987.

PEREIRA, L. M. **Parentesco e organização social Kaiowá**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PIERRI, D. C. **O perecível e o imperecível**: reflexões guarani-mbyá sobre a existência. São Paulo: Elefante, 2018.

PISSOLATO, E. **A duração da pessoa**: mobilidade, parentesco, xamanismo Mbyá (guarani). São Paulo: Editora Unesp: ISA; Rio de Janeiro: NutI, 2007.

RICARDO, B.; RICARDO, F. (org.). **Povos Indígenas no Brasil**: 2011-2016. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2017.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, D. **Nhemongarai**: rituais de batismo Mbyá Guarani. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

Convenções para as glosas: **The Leipzig Glossing Rules**: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses, editada pelo Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (Bernard Comrie, Martin Haspelmath) e pelo Departamento de Linguística da University of Leipzig (Balthasar Bickel); disponível em <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>.

Recebido em 24 de junho de 2024

Aprovado em 18 de outubro de 2024